

caderno de leituras

n. 72

sobre a morte
de um amigo

micHEL de montaigne



sobre a morte de um amigo

Michel de Montaigne

tradução de Anderson Fortes

*Trecho de uma carta que o Senhor Conselheiro de Montaigne escreve ao Monsenhor de Montaigne, seu pai, a respeito de algumas particularidades que ele observou na doença e morte do falecido Senhor de La Boétie.**

Quanto às suas últimas palavras, não há dúvida de que, se um homem deverá prestar contas delas devidamente, sou eu, tanto porque, no transcurso de sua doença, ele falava de mais bom grado a mim do que a quem quer que fosse, como pelo fato de que, devido à singular e fraterna amizade que demonstrávamos um pelo outro, eu tinha um seguro conhecimento das intenções, julgamentos e vontades que ele tivera durante sua vida, tanto quanto, sem dúvida alguma, um homem pode ter de outro; e porque eu as sabia elevadas, virtuosas, cheias de resoluta determinação e, *quand tout est dit*[†], admiráveis.

Eu bem antevia que, se a doença lhe deixasse o meio de poder se exprimir, nada ele deixaria escapar, em uma tal necessidade, que não fosse grande e bom exemplo: assim eu ficava atento o mais que podia. É verdade, Monsenhor, como tenho a memória bastante curta e pervertida ainda pela perturbação que meu espírito haveria de sofrer com uma tão pesada perda, e tão importante, que é impossível que eu não tenha esquecido muitas coisas que gostaria que fossem sabidas. Mas aquelas de que me lembro lhe comunicarei da maneira mais conforme a verdade que me for possível. Para representá-lo assim, orgulhosamente detido em seu destemido caminhar, para fazer com que o senhor veja essa coragem invencível em um corpo aterrado e assomado pelos furiosos estertores da morte e da dor, confesso que seria mais conveniente um estilo muito melhor do que o

* [Nota da editora] Este texto foi originalmente publicado em francês, e na edição original lemos: “O texto desta carta foi estabelecido com base na mais antiga edição, da tipografia Frédéric Morel, situada na Rua Jean Beauvais, em Paris. Somente a ortografia foi modernizada.” Conferir: Michel de Montaigne. *Sur la mort d’un ami*. Texto apresentado por France Quéré. Paris: Les carnets, Desclée de Brouwer, 1995. Agradecemos a Maria Filomena Molder, que nos fez atentar para esta carta e que gentilmente nos emprestou a edição da qual partiu a tradução. As notas de rodapé, salvo indicações em contrário, já estavam presentes na edição francesa.

† Para dizer tudo.

meu, já que, ainda durante sua vida, quando ele falava de coisas graves e importantes, falava de tal modo que lhe seria difícil escrevê-las tão bem; *si est-ce qu'à**, nesse momento, parecia que seu espírito e sua língua se rivalizavam em seus esforços como para lhe prestar seu derradeiro serviço. Pois, sem dúvida, jamais o vi tão pleno de tantas e tão belas imaginações e de tanta eloquência como ele o foi ao longo dessa doença. De resto, Monsenhor, se julga que eu tenha querido levar em conta suas palavras menos importantes e ordinárias, eu o faço em plena consciência. Pois, sendo ditas naquele tempo e no auge de um tão grande esforço, é um singular testemunho de uma alma plena de sossego, tranquilidade e certeza.

Como eu havia voltado do palácio na segunda-feira, 9 de agosto de 1563, enviei-lhe um convite para jantar em minha casa; ele me comunicou que me agradecia, que se achava um pouco mal, e que eu lhe daria um prazer se quisesse estar uma hora com ele, antes que ele saísse para ir ao Médoc. Fui encontrá-lo logo após o jantar; ele estava deitado vestido, e já mostrava em seu rosto uma mudança que eu não saberia definir. Disse-me que era *un flux de ventre avec des tranchées*†, que ele pegara no dia anterior jogando de *pourpoint*‡ sob uma túnica de seda com o Senhor d'Escars, e que o frio lhe fazia sempre sofrer tais acidentes. Achei bom que ele mantivesse a decisão que tomara *pierça*§ de partir para lá, mas que só fosse essa noite até Germignan||, que está somente a duas léguas da cidade. Assim eu pensava devido ao lugar onde ele se alojara, bem ao lado de casas infectadas pela peste, da qual ele tinha algum receio como quando ao voltar do Perigord e de Agenois¶, de onde saíra deixando tudo tomado pela peste; ademais, para uma doença como a sua, me fizera bem outrora montar a cavalo. Assim ele partiu, e a Senhorita de la Boétie, sua mulher, e o Senhor de Bouilhonnas, seu tio, com ele.

* Todavia.

† Intensas dores abdominais.

‡ [Nota do tradutor] Vestimenta masculina que cobria o torso, usada do século XIII ao século XVIII.

§ Há muito tempo.

|| Aldeia situada no noroeste de Bordeaux, a 6,5 km do atual limite da cidade. La Boétie é convidado por Montaigne a descer na casa de sua irmã, Jeanne de Lestonnal.

¶ Aonde ele fora enviado pelo parlamento de Bordeaux para ajudar o comando das tropas reais a pacificar a região, teatro de violentos confrontos religiosos.

No outro dia, bem cedo, eis que veio um dos seus até mim, da parte da Senhorita* da la Boétie, que me informou que ele passara muito mal à noite por causa de uma forte disenteria. Ela mandara buscar um médico e um apotecário, e pediu-me que comparecesse, o que fiz, após o jantar.

À minha chegada, pareceu-me que ele ficara radiante em me ver. E como eu quisesse me despedir dele para voltar e lhe promettesse revê-lo no outro dia, ele me pediu, com mais afeição e veemência do que jamais pusera em fazer outra coisa, que eu ficasse com ele o mais que pudesse. Isso me tocou *aucunement*[†]. Neste entretanto, eu estava indo embora, quando a Senhorita de la Boétie, que já pressentia não sei que desgraça, me implorou com lágrimas nos olhos que, por essa noite, eu não partisse. Assim ela me deteve, com o que ele se alegrou comigo. No dia seguinte, voltei, e na quinta-feira fui reencontrá-lo. Seu mal ia piorando; seu derrame de sangue e suas cólicas, que o enfraqueciam ainda mais, se intensificavam de hora em hora.

Na sexta-feira o deixei mais uma vez; e no sábado fui revê-lo já fortemente abatido. Ele me disse então que sua doença era um pouco contagiosa e, além do mais, que ela era desagradável, e *melancolique*[‡]; que ele conhecia muito bem meu natural e me pedia para não estar com ele senão por *boutées*[§], mas o mais frequentemente que eu pudesse. Não o abandonei mais. Até o domingo não me fez nenhuma declaração sobre o que achava de sua condição, e só falamos das particularidades de sua doença e do que os antigos médicos diziam dela. De negócios públicos, muito pouco, pois o encontrei totalmente enfadado com eles desde o primeiro dia. Mas no domingo ele teve um grande desfalecimento. E quando voltou a si, disse que lhe parecera estar em uma grande confusão de todas as coisas, e não ter visto nada a não ser uma espessa nuvem e uma bruma

* Esse título indica uma posição social e pode, portanto, ser conferido a uma mulher casada.

† Um pouco.

‡ Entremeada com bílis negra.

§ De tempos em tempos.

obscura, na qual tudo estava confuso e sem ordem. No entanto, disse que não tivera desprazer algum em todo esse evento. A morte não tem nada pior que isso, meu irmão, eu lhe disse então. Mas não tem nada de tão ruim, me respondeu.

Desde então, uma vez que a partir do começo de sua doença ele não dormira nada e, apesar de todos os remédios, ia sempre piorando, já haviam sido empregadas algumas poções, das quais se serve em casos extremos. Ele começou a se desesperar totalmente de sua cura, o que me comunicou. Naquele mesmo dia, porque eu o tinha encontrado bem, disse-lhe que me assentaria mal, em virtude da imensa amizade que eu tinha por ele, se eu achasse, já que em sua saúde se via que todas as suas ações eram cheias de prudência e de bom juízo como homem do mundo que ele era, que ele não devesse continuar a praticá-las em sua doença, e que, se Deus quisesse que ele piorasse, eu ficaria muito acabrunhado se, por falta de advertência, ele deixasse algum de seus negócios domésticos não resolvido, tanto pelo prejuízo que seus parentes poderiam sofrer com isso, como pelo interesse de sua reputação.

Foi o que ele escutou de mim com uma muito boa fisionomia. E depois de ter resolvido as dificuldades que o mantinham *suspens** quanto a isso, pediu-me para chamar apenas seu tio e sua mulher para que eles soubessem o que ele havia deliberado quanto a seu testamento. Disse-lhe que ele os *étonnairait*.[†] Não, não, disse-me, eu os consolarei e lhes darei, quanto à minha saúde, uma esperança muito melhor, que eu mesmo não tenho. Depois me perguntou se os desfalecimentos que tivera não nos haviam deixado um pouco surpresos. Não é nada, disse-lhe, meu irmão; são acidentes comuns nessas doenças. Realmente não, não é nada, meu irmão, me respondeu, mesmo que advenha o que vocês mais temem. Para você, só será *heur*[‡], lhe repliquei; mas o dano será para mim, que perderei a companhia de um tão grande, tão sábio e tão certo amigo e tal

* Indeciso, perplexo.

† Inquietaria.

‡ Quando sua morte lhe parecer como uma probabilidade, o dano ficará inteiro para mim.

que estarei seguro de não encontrar jamais um parecido. Bem poderia ser assim, meu irmão, acrescentou, e lhe asseguro que o que me faz ter algum cuidado com a minha cura, e não correr tanto à passagem que já franqueei pela metade, é a consideração de sua perda, e desse pobre homem, e dessa pobre mulher (falando de seu tio e de sua mulher), que amo com exclusividade e que suportarão impacientemente (estou certo disso) a perda que sofrerão por minha causa, que é verdadeiramente grande para você e para eles. Tenho também respeito pelo descontentamento que terão muitas pessoas de bem que me amaram e me estimaram durante minha vida, das quais certamente, confesso, se estivesse ao meu alcance, ficaria contente de não perder ainda a conversação. E se eu partir, meu irmão, suplico-lhe, você que os conhece, de lhes prestar testemunho da boa vontade que tive para com eles até este derradeiro instante de minha vida. Ademais, meu irmão, por acaso não nasci tão inútil que não tenha meio de prestar serviço à coisa pública. Mas de toda a maneira estou pronto a partir quando isso for do agrado de Deus, estando seguro de que desfrutarei da comodidade que você me prediz. E quanto a você, meu amigo, eu o reconheço tão sábio que, ainda que tenha algum interesse nisto, *si** se conformará de bom grado e pacientemente a tudo o que agradará a sua santa Majestade fazer de mim; e lhe suplico que fique atento para que o luto de minha perda não leve esse bom homem e essa boa mulher a saírem dos gonzos da razão. Ele me perguntou então como eles já se comportavam a esse respeito. Disse-lhe que bastante bem pela gravidade da coisa.

Sim (*suivit-il*[†]), nesta hora em que eles têm ainda um pouco de esperança. Mas se alguma vez eu os impedi completamente de ter essa esperança, meu irmão, você se verá bem impedido de reprimi-los. Quanto a esse aspecto, enquanto ainda viveu, ele sempre lhes escondeu a firme convicção que tinha de sua

* Contudo.

† Prosseguiu.

morte e me pedia com veemência para fazer o mesmo. Quando ele os via a seu lado, disfarçava com a mais alegre *chère*^{*}, e lhes passava grandes esperanças.

Nesse instante deixei-o para ir chamá-los. Eles compuseram sua fisionomia o melhor que puderam por um momento. E depois que estávamos assentados em torno de seu leito, nós quatro sozinhos, ele disse assim com um rosto estudado, como que cheio de alegria:

— Meu tio, minha mulher, asseguro-lhes, por minha fé, que nenhuma novidade sobre minha doença, ou opinião desfavorável que eu tenha sobre minha cura, me fez ter o capricho de mandar lhes chamar para lhes dizer o que vou empreender; pois vou, graças a Deus, muito bem e cheio de boa esperança; mas tendo há muito aprendido, tanto por longa experiência como por prolongado estudo, a pouca segurança que há na instabilidade e inconstância das coisas humanas, e mesmo na nossa vida, que nos é tão cara, e que todavia só é fumaça e coisa de nada; e considerando também que, estando doente, estou tanto mais próximo do perigo da morte, deliberei pôr alguma ordem nos meus negócios domésticos, depois de ter a sua opinião primeiramente. A seguir, dirigindo a palavra a seu tio, Meu bom tio, disse, se eu tivesse a esta hora que lhe prestar conta das grandes obrigações que lhe devo, não teria *en pièce*[†] feito; basta-me que até agora, onde quer que eu estivesse e com qualquer um com quem eu falasse, sempre disse que tudo aquilo que um pai muito liberal, muito bom e muito sábio pode fazer por seu filho, tudo isso o senhor fez por mim, seja pelo cuidado que foi preciso para me instruir nas belas letras, seja quando lhe agradou encaminhar-me aos *états*[‡]; de modo que todo o curso de minha vida foi cheio de grandes e recomendáveis demonstrações de amizade de sua parte para comigo; *somme*[§], tudo que tenho veio do senhor, confesso, do

* Rosto, fisionomia.

† Jamais.

‡ Funções públicas.

§ Em suma.

senhor, lhe sou devedor, o senhor é meu verdadeiro pai; assim, como filho de boa família, não tenho poder de dispor de nada, se não for de seu agrado dar-me autorização. Então ele se calou e esperou que os suspiros e os soluços dessem folga a seu tio para lhe responder que acharia sempre muito bom o que lhe agradasse. Então, tendo-o feito seu herdeiro, suplicou-lhe que tomasse de si o bem que era dele.

* Há.

† “Lembrança.”

‡ “De teu companheiro.”

E depois, dirigindo-se a sua mulher: Minha semelhança, disse, (assim ele a chamava, frequentemente, em razão de alguma antiga aliança que havia entre eles), estando ligado a você pelo sagrado laço do casamento, que é um dos mais respeitáveis e invioláveis que Deus nos tenha ordenado aqui embaixo para a manutenção da sociedade humana, eu te amei, querida, e te estimei tanto quanto me foi possível, e estou seguro de que você me devolveu uma recíproca afeição, que eu não saberia reconhecer o bastante. Peço-lhe para tomar da parte de meus bens o que lhe dou, e contente-se com isso, embora eu bem saiba que é muito pouco diante dos seus méritos.

Em seguida, dirigindo a mim suas palavras: Meu irmão, disse, a quem eu amo com tanto carinho, e que escolhi dentre tantos homens, para renovar contigo esta virtuosa e sincera amizade da qual o uso faz com que, pelos vícios *dès** tanto tempo afastados dentre nós, deles só restam alguns velhos traços em razão da antiguidade; eu lhe suplico, como sinal de minha afeição, que queira ser o sucessor de minha biblioteca e de meus livros, que lhe dou: presente bem pequeno, mas que faço de bom coração; e que lhe é conveniente pela afeição que tem pelas letras. Isso lhe será *μνημόσυνον*[†] *tui sodalis*[‡].

Logo após, falando aos três de um modo geral, louvou a Deus pelo fato de que em tão extrema necessidade ele se

visse acompanhado de todas as pessoas que lhe eram mais caras neste mundo, e porque lhe parecia muito bonito ver uma assembleia de quatro pessoas tão acordes e tão unidas pela amizade, comprovando, dizia, que nós nos entreamávamos unanimemente, uns pelo amor dos outros. E nos recomendando uns aos outros, prosseguiu assim:

Tendo colocado em ordem meus bens, ainda me é preciso pensar em minha consciência. Sou cristão, sou católico: assim vivi, assim deliberei encerrar minha vida. Que me façam vir um padre, pois não quero fugir a este último dever de um cristão.

Nesse ponto, ele terminou sua fala, continuando-a depois com uma tal firmeza no semblante, tal força nas palavras e na voz que, daquele momento em que o encontrara, quando entrei em seu quarto, fraco, arrastando lentamente as palavras, umas após outras, e tendo o pulso enfraquecido como que por uma febre vagarosa puxando-o para a morte, o rosto pálido e totalmente mortificado, parecera então que ele acabara, como por milagre, de retomar um pouco de vigor, a tez mais corada, e o pulso mais forte, de modo que fiz com que ele apalpasse o meu para compará-los conjuntamente. Naquela hora tive o coração tão apertado que nada lhe soube responder. Mas duas ou três horas após, tanto para que ele continuasse com essa grande coragem, como porque eu desejasse, pelo zelo que tive toda minha vida por sua glória e sua honra, que ele tivesse mais testemunhas de tantas e tão belas provas de magnanimidade, dispondo de mais companhia em seu quarto, eu lhe disse que ficara vermelho de vergonha de ter-me faltado a coragem de ouvir aquilo que ele, que estava às voltas com este mal, tivera a coragem de me dizer. Que até então pensara que Deus não nos havia dado uma tão grande vantagem sobre os acidentes humanos, e acreditara com dificuldade no que lia às vezes nas histórias; mas que, tendo observado uma tal demonstração,

louvaria a Deus pelo fato de que isso tenha se passado com uma pessoa de quem fui tão amado e que amei tão afetuosamente, e que isso me serviria de exemplo, para desempenhar este mesmo papel por minha vez.

Ele me interrompeu para me pedir que assim eu fizesse e mostrasse com efeito que as conversas que tivéramos durante nossa saúde, não as traríamos somente em nossas bocas, mas gravadas bem antes no coração e na alma, para colocá-las em execução nas primeiras ocasiões que se oferecessem, acrescentando que essa era a verdadeira prática de nossos estudos e da filosofia. E me pegando pela mão: Meu irmão, meu amigo, me disse, asseguro-lhe que fiz muitas coisas, parece-me, em minha vida, com tanta pena e dificuldade com que faço esta. E, para dizer tudo, há muito tempo que eu estava preparado para isso e sabia toda a minha lição de cor. Mas já não se viveu bastante até a idade em que estou? Eu estava prestes a entrar em meu trigésimo-terceiro ano*. Deus me concedeu esta graça, que tudo o que passei até esta hora de minha vida esteve cheio de saúde e felicidade: *pour l'inconstance*[†] das coisas humanas isso não podia mesmo durar. Era *meshui*[‡] tempo de se lançar aos negócios e ver mil coisas desagradáveis como o incômodo da velhice, da qual estou livre por este meio. Além disso é provável que eu tenha vivido até agora com mais simplicidade e menos malícia do que por acaso teria feito se Deus me tivesse deixado viver até o momento em que o cuidado de me enriquecer e organizar meus negócios entrasse em minha mente. Quanto a mim, estou certo de que vou-me embora encontrar Deus e a morada dos bem-aventurados. Ora, tendo eu demonstrado até mesmo no rosto a impaciência que sentia ao ouvi-lo: Como, meu irmão, disse-me, você quer me fazer medo? Se eu o tivesse, a quem iria ocultá-lo, senão a você?

À tarde, como o tabelião tinha vindo, pois o haviam mandado chamar para fazer o seu testamento, eu o obriguei a fazê-lo por

* Diríamos antes trigésimo-quarto, pois ele vai fazer 33 anos, cf. última página.

† Dada a inconstância.

‡ Doravante.

escrito, e em seguida fui dizer-lhe se não queria assinar. Assinar não, disse, quero eu mesmo fazê-lo. Mas eu gostaria, meu irmão, que me desse um pouco de folga, pois me encontro extremamente *travaillé*^{*}, e tão enfraquecido, que não posso fazer mais quase nada. Tratei de mudar de assunto, mas ele recobrou-se de súbito e me disse que não era preciso de muito lazer[†] para morrer, e me pediu para saber se o tabelião tinha a mão bem ligeira, pois ele não pararia mais de ditar. Chamei o tabelião; e ali mesmo ele ditou tão rapidamente o seu testamento, que nos vimos impedidos de segui-lo. E tendo acabado, pediu-me que o lesse para ele, e falando a mim: Eis, disse, o cuidado de uma bela coisa como as nossas riquezas: *sunt haec quae hominibus vocantur bona*[‡]. Depois que o testamento foi assinado, como o quarto estivesse cheio de gente, perguntou-me se falar lhe faria mal. Disse-lhe que não, mas que falasse bem devagar.

Então, ele mandou chamar a Senhorita de Saint-Quentin, sua sobrinha, e falou assim para ela: Minha sobrinha, minha amiga, pareceu-me, depois que a conheci, ter visto reluzir em você traços de muito boa natureza; mas estes últimos serviços que você faz com tão grande afeição, e tal diligência, nesta minha necessidade, me prometem muito de você; e realmente lhe sou muito obrigado e lhe agradeço muito afetuosamente. De resto, para meu alívio, aconselho-a primeiramente a ser devotada a Deus. Pois isso é sem dúvida a principal parte de nosso dever, sem a qual nenhuma outra ação não pode ser nem boa, nem bela, e, sendo ela feita em plena consciência, arrasta consigo necessariamente todas as outras ações de virtude. Depois de Deus, é preciso amar e honrar seu pai e sua mãe, *même*[§] sua mãe, a minha irmã, que estimo entre as melhores e mais sábias mulheres do mundo; e lhe peço para extrair dela o exemplo para a sua vida. Não se deixe levar pelos prazeres; fuja como da peste dessas loucas intimidades que você vê as mulheres terem algumas vezes com os homens. Pois ainda que no

* Fatigado, sofrendo.

† A morte não dá espaço para o lazer.

‡ “Eis as coisas que os homens chamam bens.”

§ Sobretudo.

começo elas não tenham nada de mal, todavia, pouco a pouco, elas corrompem o espírito e o conduzem à ociosidade e daí ao torpe lamaçal do vício. Acredite-me, a mais segura guarda da castidade para uma moça é a severidade. Peço-lhe e desejo que se lembre de mim para ter frequentemente diante dos olhos a amizade que lhe dediquei; não para se lamentar e se *douloir** com a minha perda, e isso o proíbo a todos os meus amigos o quanto posso, tendo em vista que me parece que eles ficarão invejosos do bem do qual, graças à minha morte, poderei logo gozar; e lhe asseguro, minha filha, que, se Deus me permitisse a esta hora escolher entre voltar a viver ainda ou terminar a viagem que comecei, eu me veria na impossibilidade de fazer esta escolha. Adeus, minha sobrinha, minha amiga.

* Afligir.

Depois ele mandou chamar a Senhorita d'Arsat, sua nora, e lhe disse: Minha filha, você não tem muita necessidade de meus conselhos, tendo uma mãe assim, que achei sábia, tão de acordo com as minhas condições e vontades, não tendo jamais cometido nenhuma falta. Você será muito bem instruída com uma professora assim. E não julgue nem um pouco estranho que eu, que não lhe tenho nenhum parentesco, me preocupe e me envolva com você. Pois, sendo filha de uma pessoa que me é tão próxima, é impossível que tudo o que lhe concerne também não me toque. E no entanto, tive eu sempre todo o cuidado com os negócios do Senhor d'Arsat, seu irmão, como tenho com os meus. E talvez não será prejudicial a seu progresso ter sido minha nora. Você tem riqueza e beleza bastantes; é uma moça de boa família. Só lhe resta acrescentar os bens do espírito; o que lhe peço que se disponha a fazer. Não lhe proíbo o vício que é tão detestável nas mulheres, pois nem sequer quero pensar que isso possa passar pela sua cabeça; creio até mesmo que o próprio nome lhe parece horrível. Adeus, minha nora.

Todo o quarto estava cheio de *cris** e de lágrimas, que, no entanto, não interrompiam em nada o andamento de seus

discursos, que foram longos. Mas após tudo isso ele mandou que fizessem sair todo o mundo, menos os que dele cuidavam. Assim ele chamou pelo nome as moças que o serviam. E depois, chamando meu irmão de Beauregard[†]: Senhor de Beauregard, disse-lhe, eu o agradeço muito pela pena que sente por mim; você quer mesmo que eu lhe descubra alguma coisa que trago na alma para lhe dizer? Daí, quando meu irmão lhe garantiu que sim, ele prosseguiu assim: Juro-lhe que, de todos aqueles que se puseram a fazer a reforma da Igreja, nunca pensei que houvesse um só que tenha se dedicado a isso com melhor zelo, com a mais completa, sincera e pura afeição do que você. E creio com certeza que foram unicamente os vícios de nossos prelados, que têm sem dúvida necessidade de uma grande correção, e algumas imperfeições que o decorrer do tempo trouxe para a nossa Igreja que o incitaram a isso: não quero a essa hora o *démouvoir*[‡]; e também não peço de bom grado a ninguém fazer, seja o que for, contra a sua consciência. Mas quero bem aconselhá-lo que, tendo respeito à boa reputação que adquiriu, por aprovação unânime e contínua, a casa à qual pertence, que eu prezo como casa do mundo (meu Deus, que casebre do qual nunca saiu uma ação que não fosse de um homem de bem!); tendo respeito à vontade de seu pai, esse bom pai a quem você deve tanto, de seu bom tio, a seus irmãos, fuja destes extremos: não seja de maneira alguma tão ríspido nem tão violento. Acomode-se a eles. Não se isole nem se ponha à margem, fiquem reunidos. Você sabe quantos malefícios essas dissensões trouxeram a este reino e você mesmo responde que elas lhe trarão bens ainda maiores. E, como você é sábio e bom, evite colocar esses inconvenientes em meio a sua família para não temer que ela venha perder a glória e a felicidade de que usufruiu até agora. Veja com bons olhos, Senhor de Beauregard, o que eu lhe digo, e tome isso como testemunho da amizade que lhe tenho. Pois, por esse motivo, me privei até agora de dizê-lo a você; e talvez, dizendo-o no

* Lamentos.

† Thomas, “sieur” de Beauregard et d’Arsac, nascido um ano após Michel de Montaigne, em 1534.

‡ Afastar, dissuadir.

estado atual em que me vê, isso dará mais peso e autoridade às minhas palavras. Meu irmão lhe agradeceu muito.

Na segunda-feira pela manhã, ele estava tão mal que abandonara qualquer esperança de vida. De modo que, logo que me viu, me chamou lastimosamente e me disse: Meu irmão, não tem compaixão de mim pelos tantos tormentos que sofro? Não vê doravante que todo o socorro que me presta só serve para prolongar minha pena? Logo depois desmaiou; de modo que *on le cuida*^{*} que já estivesse morto; enfim despertaram-no à força de vinagre e de vinho. Mas ele só se restabeleceu muito tempo depois; e nos ouvindo gritar à sua volta, nos disse: Meu Deus, quem me atormenta tanto assim? Por que me tiram desse grande e agradável repouso em que estou? Deixem-me, eu lhes peço. E depois, escutando-me, disse-me: E você também, meu irmão, não quer que eu me cure.

Oh! que contentamento me fazem perder! Enfim, recuperando-se mais ainda, pediu um pouco de vinho. E depois, sentindo-se bem disposto, me disse que esta era a melhor bebida do mundo.

Non est dea[†], respondi, *pour le mettre en propos*[‡], é a água.

C'est mon[§], replicou, *νδωρ αριστον*^{||}. Ele já estava com todas as extremidades do corpo, até o rosto, congeladas de frio, com um suor mortal que lhe escorria ao longo de todo o corpo. E quase não mais se podia reconhecer nenhum sinal do pulso.

Essa manhã ele se confessou com seu padre; mas como o padre não trouxera tudo que lhe era preciso, não pôde dizer a Missa. Mas na terça-feira, de manhã, o Senhor de la Boétie o solicitou para ajudá-lo, disse, a fazer seu último ofício cristão. Assim ele ouviu a Missa e celebrou sua Páscoa. E quando

* Pensou-se.

† Interjeição reforçando uma afirmação ou uma negação, a qual ainda pode ser percebida em: oui-da. Aqui significa: certamente não!

‡ Para fazê-lo falar.

§ Sim, é verdade.

|| “A água é a melhor.”

o padre se despedia, ele disse: Meu pai espiritual, suplico-lhe humildemente, ao senhor e a todos aqueles dos quais se encarega, roguem a Deus por mim, caso tenha sido ordenado pelos sacratíssimos tesouros dos desígnios de Deus que eu termine a essa hora os meus dias, que ele tenha piedade de minha alma, e me perdoe os pecados, que são infinitos; como não é possível que uma tão vil e tão baixa criatura como eu tenha sido capaz de executar os mandamentos de um tão alto e poderoso senhor, ou caso lhe pareça que ainda haja necessidade de mim aqui, e que ele queira me reservar para uma outra hora, suplique-lhe que acabe logo em mim com essas angústias de que sofro, e me conceda a graça de guiar doravante os meus passos segundo sua vontade e me torne melhor do que eu não fui capaz de ser. Neste ponto ele parou um pouco para tomar fôlego; e vendo que o padre ia embora, chamou-o e lhe disse: Ainda quero dizer isso em sua presença. Declaro que, tal como fui batizado e vivi, assim quero morrer, sob a fé ou a religião que Moisés semeou no Egito, que os sacerdotes receberam na Judeia, e que de mão em mão, com o passar dos tempos, foi trazida à França. Parecia, ao vê-lo, que ainda iria falar por muito tempo, se pudesse, mas ele terminou, pedindo a seu tio e a mim que orássemos a Deus por ele. Pois esses são, disse, os melhores serviços religiosos que os cristãos podem fazer uns pelos outros. Ao falar, ele ficara com um ombro descoberto, e pediu a seu tio para cobri-lo, ainda que seu criado estivesse mais próximo. E depois, me olhando: *Ingenui est, disse, cui multum debeas, ei plurimum velle debere**.

O Senhor de Belot[†] veio vê-lo à tarde, e ele lhe disse estendendo-lhe a mão: Senhor meu bom amigo, eu estava aqui pronto a pagar minha dívida, mas encontrei credor bondoso, que adiou o seu pagamento. Um pouco depois, como ele acordasse em sobressalto: Bem, bem, que ela* venha quando quiser, eu a espero alegre e em silêncio. Palavras que ele repetiu duas ou

* “É próprio de uma alma nobre querer dever mais àquele a quem já se deve muito.”.

† Amigo de La Boétie, que lhe dedicou vários de seus poemas.

três vezes em sua doença. E depois, como lhe entreabrissem a boca à força pra fazê-lo engolir: *an vivere tanti est?*[†], disse, dirigindo-se ao Senhor de Belot.

À noite, ele começou conscientemente a apresentar os traços da morte, e como eu jantasse, mandou-me chamar, não sendo mais que a imagem e a sombra de um homem, como dizia de si próprio, *Non homo, sed species hominis*[‡]. E me disse, com grande dificuldade: Meu irmão, meu amigo, praza a Deus que eu veja os efeitos das imaginações que tive há pouco. Depois de ter esperado por algum tempo que ele parasse de falar e de soltar suspiros *tranchants*[§] devido ao esforço, porque a língua começava insistentemente a lhe negar seu ofício, eu lhe perguntei: Quais são elas, meu irmão? Grandes, grandes, me respondeu. Nunca houve uma ocasião em que eu não tivesse a honra de conhecer todas que lhe vinham à sua mente, não gostaria que eu delas ainda usufrua? *C'est mon dea*^{||}, respondeu; mas, meu irmão, não posso: elas são admiráveis, infinitas e indizíveis. Permanecemos lá; porque ele não podia mais. De modo que, um pouco antes, ele quis falar a sua mulher e lhe disse, com o rosto mais alegre que pôde compor, que tinha um *conte*[¶] a lhe dizer. Pareceu-me que se esforçara para falar, mas, lhe faltando a força, pediu um pouco de vinho para que ela lhe voltasse. Isso não adiantou nada, pois desmaiou de repente e ficou muito tempo sem poder enxergar. Já se avizinando muito da morte e ouvindo os prantos da Senhorita de La Boétie, ele a chamou e lhe falou assim: Minha semelhança, você se atormenta antes do tempo: não quer ter pena de mim? Tenha coragem. Seguramente eu sinto mais pena pelo mal que lhe vejo sofrer do que pelo meu; e com razão, pois os males que sentimos em nós não somos nós propriamente que os sentimos, mas alguns sentidos que Deus colocou em nós; mas o que sentimos pelos outros é em virtude de um determinado julgamento e de um raciocínio que o sentimos. Mas vou-me embora.

* A morte, evidentemente, tão presente que não mais é nomeada

† “Viver é um prêmio tão grande assim?”

‡ “Não um homem, mas o espectro de um homem.”

§ Agudos, dilacerantes.

|| Gostaria muito.

¶ Relato verdadeiro.

Isso, dizia, porque o coração lhe falhava. Ora, tendo medo de ter assustado sua mulher, ele se recobrou e disse: Vou dormir, boa-noite, minha mulher, vá também. Essa foi a última vez que ele se despediu dela.

* Paixão.

Depois que ela partiu: Meu irmão, disse-me, fique ao meu lado, por favor. E depois, sentindo, seja os golpes da morte mais prementes e pungentes, seja a força de algum medicamento quente que lhe fizeram engolir, ele tomou uma voz mais estrepitosa e mais forte, virando-se violentamente sobre o leito, de modo que todos os que estavam em sua companhia começaram a ter uma certa esperança porque até então a fraqueza unicamente fazia com que a perdêssemos. Então, entre outras coisas, ele se pôs a me implorar repetidamente com uma extrema *affection* * que eu lhe desse um lugar de modo que tive medo de que seu juízo estivesse abalado. Mesmo tendo ele mostrado novamente com muita suavidade que se deixava levar pelo mal e que essas palavras não eram as de um homem muito ponderado, não se entregou logo na primeira vez e reiterou com mais força ainda: Meu irmão, meu irmão, você me recusa, então, um lugar? Até que me constrangeu a convencê-lo pela razão e lhe dizer que, como ele respirava e falava, e tinha um corpo, ele tinha conseqüentemente o seu lugar. — É verdade, é verdade, me respondeu então, eu tenho, mas não aquele que me é preciso; e depois, numa palavra, eu não tenho mais ser. Deus lhe dará um melhor em breve, disse-lhe.

Quisera já estar lá, meu irmão, respondeu-me, há três dias que anelo por partir. Estando nessas aflições, ele me chamava com frequência somente para se informar se eu estava perto dele. Enfim, se pôs um pouco a repousar, o que nos confirmou ainda mais em nossa boa esperança. De modo que, ao sair de seu quarto, me alegrei por isso com a Senhorita de la Boétie. No entanto, mais ou menos uma hora depois, me chamando pelo

nome uma vez ou duas, e depois, extraindo de si um grande suspiro, ele entregou a alma, às três horas da manhã de quarta-feira, dezoito de agosto do ano de mil quinhentos e sessenta e três, depois de ter vivido trinta e dois anos, nove meses e dezessete dias.

Impressão terminada em 24 de novembro de 1570.

edições chão da feira
caderno de leituras n. 72

projeto gráfico: rafael camisassa
julho de 2017

www.chaodafeira.com

patrocínio



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

1069/2014

Este Caderno de Leituras foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura. Patrocínio UNA.